



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano I - nº 3

Vitória-ES

Abril de 2011

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



O que é cultura pra você?



Pesquisa do Instituto Futura revela a percepção que os moradores da Grande Vitória têm da cultura



APRESENTAÇÃO



Erlon José Paschoal
erlonpaschoal@uol.com.br

O Caderno D, em seu terceiro número, destaca os resultados da pesquisa feita pela Futura acerca do significado da atividade cultural na vida do cidadão capixaba. Eles surpreendem e, ao mesmo tempo, estimulam a todos aqueles que se ocupam com o desenvolvimento cultural do Estado do Espírito Santo.

O patrimônio cultural em suas diversas vertentes também estão presentes nesta edição como componentes de nossas matrizes culturais e de nossa identidade. Representam, sobretudo, a diversidade que caracteriza a formação das terras capixabas povoadas por civilizações indígenas e colonizadas por europeus e afro-descendentes: um espaço multiétnico, receptivo a vários processos migratórios e, por conseguinte, palco de hibridações e miscigenações de toda ordem.

Dois personalidades marcantes de nossa literatura também aparecem aqui de maneiras distintas, mas similares: Carmélia M. de Souza é personagem de uma crônica, e José Carlos de Oliveira é autor de uma outra, aqui publicada em memória dos 25 anos de sua morte. Uma coincidência que proporciona um diálogo casual entre dois grandes nomes de nossa criação literária.

O Caderno D cumpre assim o seu papel de fomentar a reflexão e o exercício do pensamento crítico para que a atividade cultural adquira relevância social e se torne cada vez uma referência importante de nosso cotidiano. Uma boa leitura a todos!



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

JOSÉ EDUARDO FARIA DE AZEVEDO
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

JOSÉ PAULO VIÇOSI
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

MAURÍCIO SILVA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Capa

Fotos Arquivo da Secult

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



O príncipe Maximiliano revisitado

O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied (1782-1867) foi um naturalista alemão que esteve no Brasil em 1815-17, tendo publicado livros de viagem dando conta do que viu e do que estudou aqui. O trajeto do Rio de Janeiro à Bahia ele fez pelo litoral, ou seja, pela então capitania do Espírito Santo.

Sua Viagem ao Brasil foi publicada em 1940 na Coleção Brasiliana da Companhia Editora Nacional. A edição contém algumas pranchas reproduzindo, em preto e branco, estampas e desenhos feitos pelo príncipe ou por artistas que o acompanharam em sua expedição.

Em 2001 foi lançado no Brasil pela Kapa Editorial de Petrópolis, via Lei Rouanet, uma tradução portuguesa do livro Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. Esse se distingue do anterior por ser um minucioso catálogo descritivo de grande número de ilustrações feitas durante a expedição, hoje pertencentes à Biblioteca Brasiliana da empresa Robert Bosch GmbH, sediada em Stuttgart, Alemanha. São 237 itens, dos quais 92 foram selecionados para reprodução no livro, a maioria em cor. As ilustrações catalogadas sob os números 67-81, 168-9, 206-7, 211 e 227 (21 ao todo) têm a ver com o Espírito Santo. Nove delas são reproduzidas no livro: as aquarelas “Vista geral da expedição com muares carregados e homens armados a cavalo e a pé” (ao norte do rio Itabapoana), “Paisagem no Rio Iritiba”, “Um bote com oito pessoas diante dos bastidores vegetais no Rio Doce”, “Três homens observam uma tartaruga pondo ovos”, “Lugar de descanso da expedição à margem”, “Soldado com equipamento completo, voltado para a esquerda”, e “Paisagem fluvial próxima à Pedra de Jucutuquara”, esta última em tons castanhos e amarelos, bem como versões das ilustrações de Reritiba e da tartaruga em tons castanhos ou cinzas, respectivamente.



Servidor técnico da UFES e atual escritor residente da BPES



Vista da margem direita do rio Iiritiba ou de Benevente diante da Vila Nova de Benevente [hoje Anchieta]. Desenhado em 11 de novembro de 1815.

Algumas informações sobre os itens referentes ao Espírito Santo estão deturpadas, e não fica claro se erraram os editores brasileiros ou os alemães mas, se foram os alemães, os brasileiros endossaram os erros. No caso da ilustração 72, cuja legenda original é “Vista da Pedra Jucutuquara e da Fazenda Ramão [Romão] à margem esquerda do [rio] Espírito Santo próxima da Vila de Vitória em 20 de dezembro de 1815”, o rio Espírito Santo foi identificado como rio Jucu, quando nada mais é que a baía de Vitória. Já no caso da ilustração 81, que tem como legenda original “Pausa do meio-dia entre S. Mateus e o Rio Doce”, tanto a data (1º de dezembro de 1816) como o bom senso (o príncipe não penetrou no sertão mineiro) indicam que se trata aí da vila de São Mateus e não, como está lá, do “Rio São Mateus no Estado de Minas Gerais”. Haja paciência.

A Coleção Província da Biblioteca Pública Estadual dispõe de um exemplar dessa preciosidade bibliográfica, que pode ser ali consultada pelos pesquisadores e interessados. 

CAPA

Hábitos Culturais *Capixaba*



João Gualberto Vasconcellos
Doutor em Sociologia Política e
Diretor da Futura



Leandro de Souza Lino
Mestre em Economia Aplicada e
Professor da UFES

A pesquisa realizada pela Futura, em parceria com a Rede Gazeta, teve o intuito de avaliar a percepção da população capixaba sobre hábitos culturais da região da Grande Vitória. O trabalho foi realizado em outubro de 2010 e divulgado pelos meios de comunicação em fevereiro de 2011. Foram ouvidas 406 pessoas, em entrevistas realizadas nos municípios de Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória.

Avaliar hábitos culturais com uma pesquisa quantitativa não é coisa simples. De fato para termos uma análise mais definitiva precisaríamos de outras investigações. Não se deve ter apenas uma visão quantitativa do complexo do processo social. Na verdade a análise é um esboço interpretativo a partir dos dados que possuímos. Nós acreditamos que os dados permitam uma boa leitura inicial, porém estamos longe de esgotar o assunto.

Para iniciarmos esse esboço de interpretação deve-se levar em conta os principais elementos que poderemos retirar da pesquisa, levando em conta que o trabalho refere-se as manifestações e

hábitos intelectuais, artísticos, da cultura popular e erudita. Enfim, todos os tipos de manifestações desta ordem da sociedade. Mas o foco são hábitos culturais, ou seja, como os cidadãos de uma certa sociedade constroem canais de acesso a estas manifestações.

Com base nos resultados do trabalho, percebe-se logo a grande importância do Convento da Penha para a população capixaba, já que a maioria dos entrevistados o elegeram como símbolo cultural do Espírito Santo. Tal

Cite as principais atividades culturais que o(a) sr.(a) frequenta na Grande Vitória

Opções	(%)
Não frequenta.....	15,5
Shopping.....	36,7
Eventos religiosos.....	33,5
Cinema.....	23,6
Eventos em seu bairro.....	16,5
Feiras.....	15,8
Apresentações musicais/shows.....	13,1
Pontos turísticos.....	9,6
Exposições.....	7,1
Teatro.....	5,2
Museus.....	3,4
Nenhum desses.....	4,9
NS/NR.....	1,0
Total.....	186,0

Número de entrevistas: 406
*O entrevistado podia citar mais de uma opção de resposta
A pesquisa completa está no site www.futuranet.ws

capixabas

situação se deve ao que o Convento representa para a história do Espírito Santo, seja como símbolo religioso, arquitetônico ou cultural. Trata-se de uma espécie de grande símbolo de nosso passado e da aventura que foi conquistar o espaço em que hoje vivemos. Além disso, a sua localização estratégica, com vista panorâmica para os municípios de Vitória e Vila Velha, também atraem turistas oriundos de diversas partes do mundo.

A religiosidade, marca do processo social-histórico brasileiro, também produziu outros efeitos. É o que se nota quando os entrevistados citam como uma das principais atividades culturais da Grande Vitória, os eventos religiosos. Esta situação se deve as diversas opções dos capixabas em relação a eventos de Igrejas, sejam eles Católicos ou Evangélicos. No caso da Igreja Católica, pode citar festas como a da Penha, realizada nos meses de abril, e já as Evangélicas, o Jesus Vida Verão, que ocorre em janeiro, sendo ambas, reflexos das manifestações religiosas na cultura capixaba, seja através de apresentações de teatro ou mesmo de música.

Entretanto, marca da modernidade, a principal atividade cultural na Grande Vitória foram os shop-

pings. Esta situação provavelmente se deve as diversas opções culturais que estes locais oferecem como cinemas e livrarias. Além disso, o fato dele se caracterizar como um ponto de encontro para as pessoas e por ser um símbolo da sociedade atual, exatamente por reunir atividades de consumo e entretenimento, favorece para que eles (os shoppings) tenham esta posição de destaque. Mesmo para os que questionam os resultados, eles contêm evidências de como os entrevistados consideram as visitas aos shoppings como sendo parte de seus hábitos culturais.

E, alguns entrevistados também disseram que não frequentam atividades culturais na Grande Vitória por não gostarem, pela falta de companhia e pela falta de segurança. A maioria dos entrevistados também avaliaram as opções culturais na Grande Vitória de forma positiva (61,8%), enquanto 29,1% as avaliaram de forma regular e 6,7% como negativa.

Enfim, estamos diante de hábitos de consumo cultural que apontam para as tradições e também para uma sociedade que se moderniza, mesmo que esta modernização contenha certa banalização dos elementos simbólicos que constroem uma sociedade. 

“É preciso trabalhar coletivamente, através de políticas públicas integradas, a percepção que as pessoas têm da atividade cultural e de sua importância para a emancipação e o desenvolvimento social de uma comunidade, de um Estado e de um país. Tais atividades geram produtos que intercambiam valores, e promovem a vida social compartilhada; por meio da arte, o ser humano recria e apreende o mundo dando-lhe uma dimensão que ultrapassa a mera lógica cotidiana. Os resultados da pesquisa Futura mostram que temos todos um amplo desafio pela frente.”

Erlon José Paschoal

“Na sociedade contemporânea os espaços de convivência social são cada vez mais escassos e a referência mais forte nos dias de hoje são os shopping centers. Em consequência, as pessoas estão confundindo locais de consumo com espaços culturais.”

Sérgio Blank

“A maioria das pessoas consultadas parece estar em plena sintonia com o conceito de que “tudo é cultura”. Pena que essa sintonia, na prática, acabe por privilegiar o pior desse “tudo” em detrimento do que nos arriscamos a chamar de “cultura de qualidade”, o que faz desaparecer da amostragem o melhor que se produz e produziu no país nos campos da arte visual, musical e literária, bem como as manifestações mais autênticas da cultura popular. Nesse estado de coisas, nosso abastardamento cultural se agrava cada vez mais.”

Reinaldo Santos Neves

“Um dos principais desafios para os diversos agentes culturais do Espírito Santo é a necessidade de se promover uma mudança da visão que a população em geral possui acerca do papel da cultura e das artes, muitas vezes associados somente à esfera do lazer e do evento. Precisamos fazer com que o cidadão comum possa perceber o quanto transformadora a prática cultural pode ser para a sociedade, o quanto ela pode modificar na percepção do mundo que nos rodeia.”

Erly Vieira Jr.

“Atividade cultural, enquanto conceito, pelo visto rumo à banalização. Produtores culturais e todos os personagens do meio precisam se unir num esforço de catequese, através de seu próprio trabalho e usando toda a mídia disponível. Desde já.”

Marcos Alencar

Cinema, *Cineclubis* Educação... Rede

O audiovisual e a “realidade”

A presença do audiovisual na vida cotidiana passa hoje por uma incrível naturalização, como se todos já nascessem com telas acopladas aos olhos e chips implantados no cérebro. Esta naturalização produz uma transparência desses meios impedindo que se perceba os processos de produção e difusão, transformando-os em matéria invisível como o ar que respiramos. No entanto, os veículos de produção e difusão audiovisuais tornaram-se decisivos para a transformação da sociedade e do homem em um processo, no qual inúmeras forças geram a paisagem entre telas na qual

nos movemos.

Perceber o caminho histórico de formação de subjetivações por esse processo é perceber até que ponto estamos imersos nele e como podemos rompê-lo. Para isso, a Educação e os meios audiovisuais podem co-existir em uma mesma atividade através da implantação de cineclubes como núcleos de convergência audiovisual, buscando-se um fazer audiovisual como teoria e prática educacional voltada para a transformação, para a tomada de responsabilidade sobre suas histórias, através da construção de narrativas próprias como forma de resistência e protagonismo.



Realizadora audiovisual, cineclubista e Mestre em Educação pela Ufes. Vice-presidente do CNC - Conselho Nacional de Cineclubes

Sáskia Sá

saskiasa@saskiasa.com.br

mo,

Educação e audiovisual: protagonismo e resistência

Tornar-se protagonista da sua própria história através do audiovisual e das formas narrativas do cinema se torna estratégia de afirmação da diversidade, principalmente através da experiência cineclubista de ver e pensar cinema visando a desconstrução de identidades cristalizadas, muitas vezes engendradas pelo discurso audiovisual naturalizado em que nos encontramos imersos.

Através da apropriação dos elementos audiovisuais, ao manipular a imagem e o som, também se manipulam as condições de transformação de realidades

dadas como objetivas, exteriores e imutáveis e desconstroem-se as narrativas, constituindo possibilidades de fissura de cristalizações que podem se abrir para inúmeras fabulações de “si no mundo”.

Desse modo, a junção entre o cinema e a Educação, não como simples aquisição de conteúdos audiovisuais, nem como mero meio didático, mas como formação e desconstrução de subjetividades, torna-se ainda mais urgente, quando a forma como narramos nossa história, é também a forma como são narrados os indivíduos, a sociedade e a cultura. Não podemos mais pensar sob a ótica da espetacularidade passiva frente às

telas anteriores da modernidade, sob pena de cristalizarmos uma situação de imobilidade e dependência. A experiência cineclubista em que se organizam comunidades em torno do ver e discutir filmes e da escolha do que se quer ver e discutir propicia uma vivência democrática de aprendizagem e de exercício dos direitos à comunicação, a livre expressão e acesso aos bens culturais.

A aventura através da Educação pelo viés cineclubista depende dos encontros e do despir-se dos papéis cristalizados para poder decidir que viagem será essa. A construção de olhares e dizeres coletivos faz a qualidade da viagem e do viajante. ■

CRÔNICA

Carmélia esteve aqui em casa

Essa senhora veio me visitar, tarde dessas, depois de nosso encontro casual naquela livraria perto da Igreja Santa Rita. E já gosto dela com o fervor das melhores amigas da infância: Carmélia M. de Souza.

Herdeira da fossa de Maysa, a quem nunca perdoou por tê-la roubado um namorado, um tal de Zé Costa. Desculpe se pareço indiscreta, é que é fácil falar da vida íntima de Carmélia, ela mesma se encarregava disso, suas crônicas em primeiríssima pessoa só guardam em segredo um certo Dindi, sobre o qual há muitas conjecturas, pode ser um amigo, um amor, ou vários deles. O certo é que é uma das marcas de Carmélia essa exposição volátil de seu interior, como uma garrafa de vinho a colorir o ar com seu aroma, ou como um mar de ressaca se revirando e trazendo a tona seu humor visceral.

O que posso falar, e nessa afirmação meramente pessoal não cabe juízo de valor, é que Carmélia, Marzia Figueira e Nara Leão e a citada Maysa me fazem ter mais orgulho de ser capixaba do que o Rei Roberto Carlos, ou nosso potencial de logística. Sim, eu gosto de ser conhecida como capixaba. Escritora capixaba não sei bem, não me arvore a tanto, porém se acham que sou, podem me colocar na estante dos capixabas, porque gosto desse exotismo de ser de um lugar que não é Rio ou São Paulo, e gosto de ser territorializada,

de me sentir pertencer, de usufruir de nacionalidade, terra, espaço, tempo e endereço. Eu que já mudei de casa, em determinada fase da vida, duas ou três vezes ao ano, sonho com cartas que me encontrem.

Volto: li Vento Sul, coletânea de crônicas de Carmélia publicada em 2002 numa iniciativa que, pelo que entendi, partiu do Núcleo de Ciências Humanas e Naturais da UFES. O certo é que descobri um ângulo da ilha que parece mais comigo do que o presente. Fácil entender, segundo a orelha de Francisco Aurélio Ribeiro, Carmélia era a personificação da década de 60, da contracultura, e eu sou mesmo datada, mas no passado. E Carmélia era afeto, era esperança e tantas palavras que eu, vejam só, achei que tinha redescoberto. Ela já as repetia e inseria na vida há cerca de quarenta anos atrás.

Foi com a felicidade que se tem na seção achados e perdidos, quando encontramos algo que é nosso, ou quando conhecemos alguém de quem muito se ouve bem falar, mas com quem ainda não havíamos esbarrado, que conheci Carmélia. É dela a deliciosa “Teoria Geral da Fossa”. É dela a louvação ao vento sul, fenômeno tão nosso quanto saber fazer moqueca, falar com naturalidade a palavra “gastura” e respirar minério. É dela um “lirismo distraído e distante” que me comoveu. E não poderia deixar de citar que é dela a expressão “esta ilha é uma delícia”, mas a entonação é de puro sarcasmo, importante frisar.

Carmélia, dizem, era a cronista



Participou de diversas antologias e publicou dois livros: O colecionador de segundos, contos, pela Editora 7 Letras e Armazém dos afetos, crônicas, pela Ed. da Ufes

Mara Coradello

coradellorama@gmail.com



preferida dos capixabas, e era fácil saber aonde essa escritora buscava inspiração, nas ruas, com o povo, segundo ela mesma nos deixa antever em seus escritos. Mas não podemos esquecer o uísque, o conhaque e depois, a pinga. E as voltas de lancha à luz do luar e o filé do Britz. Assim como a

crítica mordaz a TFC, ou melhor: Tradicional Família Capixaba. E a desenvoltura de Carmélia em meio a amigos de todas as classes sociais, como escreve Reinaldo Santos Neves, em texto ao final do livro: “Carmélia era amiga da mulher do magnata e do pescador fodido que afogava as mágoas na pin-

ga”. E agora Carmélia, quer queira, quer não_ é minha amiga também. E na posição em que ela se encontra, na minha cabeceira, não pode colocar as famosas plaquinhas que volta e meia adornavam sua mesa no restaurante Mar e Terra com os dizeres: “afaste-se, hoje estamos insuportáveis”. ■

ENSAIO

Memória e esquecimento: os paradoxos do estabelecimento de uma identidade



Arquiteto Urbanista.
Subsecretário
de Patrimônio
de Cachoeiro de
Itapemirim

O processo de destruição das singularidades culturais se efetua com a urbanização generalizada e com a globalização, permitido pelo desenvolvimento das novas tecnologias e pela intensificação das trocas comerciais. Mediante a esse processo, a organização museal dos objetos e sua proteção enquanto símbolos da vida social passada, ganha grande importância, assim como os chamados teatros da memória que tem como objetivo perenizar as identidades culturais. Os teatros da memória não conduzem necessariamente ao desaparecimento progressivo da plenitude dos monumentos uma vez que, mesmo apenas representando, os monumentos continuam a perenizar significados que, esses sim, poderão

sofrer mudanças ao longo do tempo.

A consequência lógica do processo de globalização é a intensificação da aculturação, mesmo nas sociedades mais remotas do planeta. O processo de trocas culturais sempre existiu na história da humanidade, no entanto, atualmente, principalmente com o desenvolvimento das tecnologias da informação, as trocas culturais atingiram, pela primeira vez, uma escala mundial. Apesar disso, “como as civilizações não utilizam os mesmos códigos, seus traços culturais específicos param frequentemente sobre as linhas onde mudam as línguas e os sistemas de signos” (CLAVAL, 1999, p. 183). A exacerbação dos sentimentos de identidade torna possível a coabitação, nos

Foto: Arquivo da Secult

Foto: Arquivo da Secult



Folia de Reis



Folia de Reis

Genildo Coelho Hautequestt Filho

genildocoelho@yahoo.com.br

Cultural

mesmos lugares, de diferentes culturas que interpenetram-se e cruzam-se sem perder suas singularidades.

Apesar de no início, o fenômeno da aculturação parecer destruidor, por ter partido da “morte” das identidades culturais, com o passar do tempo, ele forja uma nova imagem coletiva baseada nos restos do conjunto das memórias individuais.

Um bom exemplo desse processo é o folgado boi pintadinho que existe e resiste em diversos municípios capixabas, em especial na cidade histórica de Muqui. Até o ano de 1998, início do processo de gestão do patrimônio municipal, boi pintadinho era coisa de “preto, pobre e favelado” – frase que era dita pelas pessoas mais “cultas” da

cidade. Como estratégia de sobrevivência cultural o boi se reinventou.

A visibilidade dada à cidade e, conseqüentemente, a suas manifestações imateriais a partir do tombamento municipal, efetivado no ano de 1999, deflagrou paulatinamente o processo de turistificação do município. Esse processo, por ter sido planejado, permitiu a implantação de uma gestão pública compartilhada com a comunidade local.

Quando chega um turista e fotografa aquela casa que para um morador local era tida como “velha e feia”, ele passa a lançar sobre ela um novo olhar. Quando uma manifestação cultural periférica ganha visibilidade pela imprensa regional, ela começa a ser vista de outra maneira, inicialmente

com certo estranhamento, mas com menos preconceito. Conseqüência de tudo isso: em pouco mais de dez anos o boi virou pop. Ser muquiense significa, dentre outras coisas, pertencer a um boi seja ele: Chapado, Mulequi, Duas Cabeças, Gaspar, Formiguinha, Esperança, Bumbá, Vaca Mocha...

“Não se trata mais de viver como no passado ou de compreender o que foi o passado, mas de fazer do tratamento do passado um modelo de apreensão do presente.” (JEUDY, 1999, p. 134). É valorizando sua história que a cidade de Muqui tem bravamente resistido ao processo de globalização e se reinventado. Talvez esse seja o melhor exemplo de resistência a que temos conhecimento no território capixaba. ■

Foto: Arquivo da Secult

Foto: Arquivo da Secult



Muqui-ES

Muqui-ES

PATRIMÔNIO CULTURAL

Para não esquecer da **Memória**

Na primeira vez em que comentei sobre o desejo de trabalhar com a preservação de monumentos, fui questionada de imediato: “mas arquitetura é uma profissão tão bonita... e você vai trabalhar com coisa morta?!” Esta postura de valorização do novo em detrimento do que está posto aparentemente fora de seu tempo me causou espanto e trouxe momentos de reflexão acerca da maneira como as pessoas lidam com a memória.

A noção equivocada onde se confunde memória com ‘coisa velha’ reflete os parâmetros modernistas incutidos na visão renovadora que marcou o pensamento da sociedade no século XX. Edificações remanescentes de outros períodos eram vistas como entrave ao desenvolvimento, sendo então remodeladas ou eliminadas. Um exemplo é a implementação das ‘cirurgias urbanas’, como se convencionou denominar as operações de retificação do traçado urbano, quando a abertura de grandes avenidas desconsiderou a escrita urbana anterior, demolindo o que se apresentava sob seu desenho e re-desenhando aquilo que não era condizente com a visão de modernidade vigente no momento. Eram ditas

“ações de embelezamento”, incutida aí a associação do novo à expressão da beleza, contrapondo-se a esta a imagem do que era antigo.

Sob a perspectiva da remodelação contínua, em fins do século XIX a Igreja de Nossa Senhora da Conceição foi demolida para a construção do Teatro Melpômene, por sua vez posto abaixo na década de 1920 para dar lugar ao Teatro Carlos Gomes. Na primeira metade do século XX, Vitória perdeu o jesuítico Colégio de São Tiago reconfigurado em Palácio Anchieta; o Colégio do Carmo abdicou de suas feições coloniais para assumir a maquiagem rebuscada do neogótico. E assim, retirados de nosso olhar cotidiano, quantos se lembram de como eram estes edifícios?

A manutenção das permanências na paisagem urbana busca registrar os reflexos do tempo sobre a cidade e preservar as referências individuais do cidadão. “Se a gente parar de lembrar, a gente esquece”, afirma o personagem Sam Krichinsky no filme Avalon. Tal como a lembrança da avó mantida na foto sobre o piano, a presença dos registros históricos na paisagem urbana ajuda a recordar e entrelaçar as referências individuais e



Arquiteta MSc em História e Preservação do Patrimônio Cultural/UFRJ; Coordenadora e professora de Arquitetura e Urbanismo na UNIVIX

Viviane Pimentel

pimentel.v@uol.com.br

ória

coletivas, construindo a identidade e remetendo à história do lugar.

Cabe, no entanto, a ressignificação do monumento no espaço urbano para que não se torne obsoleto. A atribuição de novos usos mediante intervenção consciente garante que o imóvel cumpra a sua função social e histórica. A antiga Estação Pedro Nolasco abriga hoje o Museu Vale. O Museu de Arte do Espírito Santo conferiu novo sentido à antiga sede do Serviço de Melhoramentos de Vitória, de onde foi conduzido o processo de modernização da capital nas primeiras décadas do século XX. Recuperados e ressignificados, comprovam a capacidade de atração destes espaços e a possibilidade de convivência entre antigas formas e novos usos.

A preservação do patrimônio edificado exige uma mudança de olhar, um novo entendimento do sentido de sua permanência no espaço urbano enquanto repositório de conhecimento e elemento articulador dos diversos momentos de escrita da cidade. Exige, principalmente, a compreensão da importância destes registros enquanto acervo vivo da cultura capixaba na construção dinâmica de sua identidade. ■



Foto: Alair Caliani

Palácio Anchieta



Foto: Arquivo da Secult

Convento do Carmo



Foto: Arquivo da Secult

Igreja e Colégio de São Tiago (Hoje Palácio Anchieta)



Foto: Arquivo da Secult

Teatro Melpômene

MEMÓRIA

Tulipa Negra

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA

(Neste ano se completam 25 anos da morte de José Carlos Oliveira, ocorrida em Vitória em 13 de abril de 1986. Para homenageá-lo, a Secult e a Ufes promoveram uma exposição de fotografias, recortes de jornal e manuscritos do escritor, além de exemplares de suas obras, inaugurada a 13 de abril na Biblioteca Pública do Espírito Santo. O texto a seguir foi a última crônica que escreveu.)

Da cidade de Enkhuizen, na Holanda, nos vem uma notícia fantástica. A primeira tulipa negra floresceu nos jardins do Instituto Floral, naquela cidade.

— Temos agora uma flor negra, perfeita, com folhas boas e fortes, — disse Henk Van Dam, chefe do grupo responsável pela invenção dessa inaudita formosura, a mais nova habitante dos jardins.

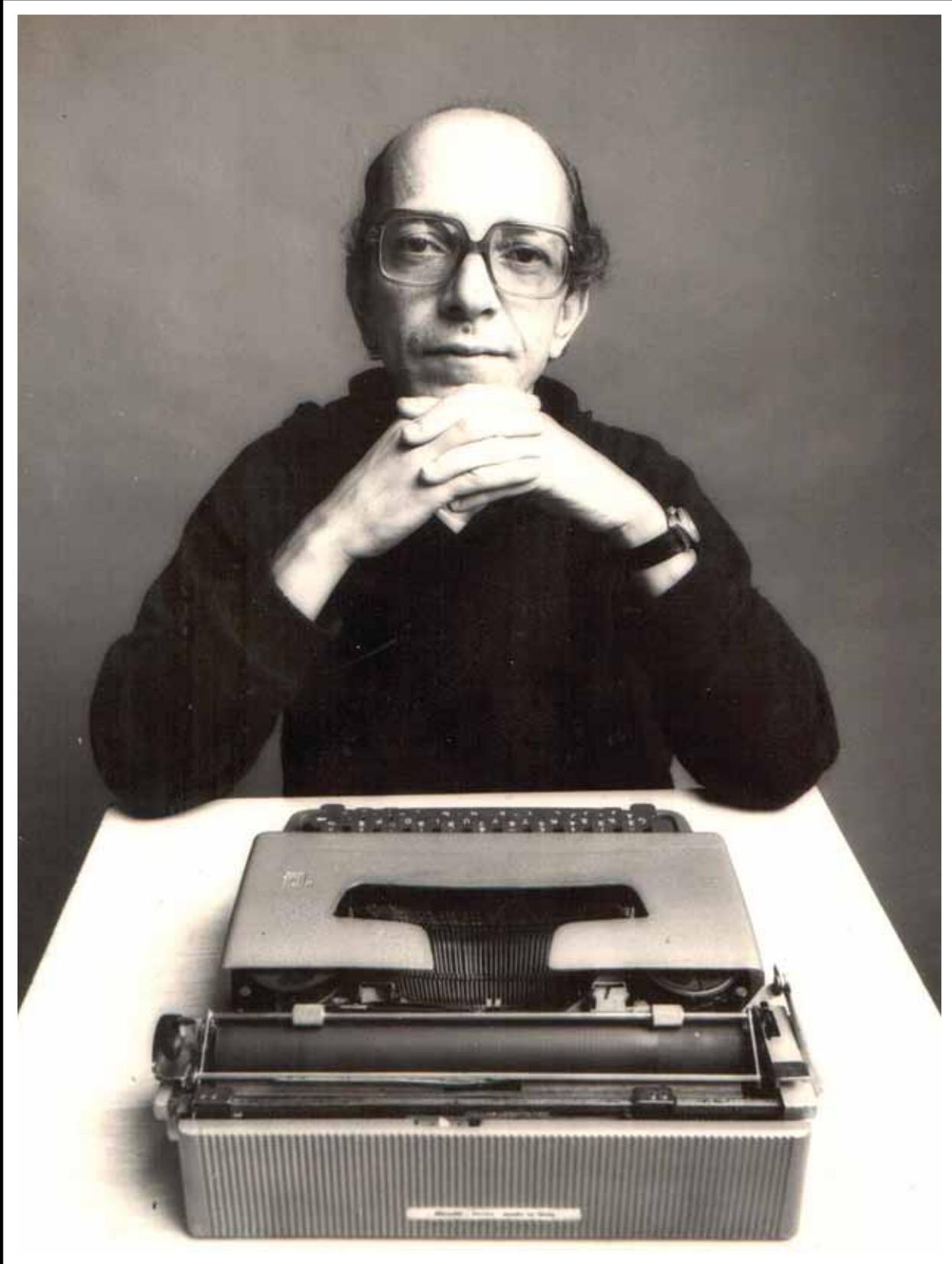
Foram necessários 25 anos de trabalho intenso com tulipas escuras, até conseguirem eliminar a última, e teimosa, tonalidade púrpura. Nesse quarto de século, Van Dam e seus companheiros cruzaram e recruzaram duas variedades escuras, a Rainha da Noite e a Vienerwald. Mas as tentativas começaram muito tempo antes, ainda no século XVI. A procura infatigável da tulipa negra nas estufas holandesas apaixonou o mundo ocidental, fazendo dela um desses prodígios de utopia que acabam por alcançar uma intensidade de existência de tal ordem, que não nos é possível acreditar que já não existam efetivamente. Em outras palavras: há séculos já, florescem tulipas negras na imaginação do homem moderno.

Esta de Enkhuizen, no entanto, floresceu efetivamente, na concretude de suas campânulas, e já pode figurar entre as maravilhas do século XX. Foi até filmada a cores, e transmitida a toda a humanidade pela televisão via satélite. Alguns botânicos, que a visitaram, confirmam que é algo espetacular — insinuando,

porém, que não é ainda a almejada tulipa negra. Esses críticos observaram uns derradeiros laivos purpúreos nas pétalas. E ainda, uma cintilação rubra, umas transparências semelhantes à do vinho tinto quando um raio de sol atravessa a taça de cristal onde ele foi depositado. Contemplando por minha vez a tulipa negra exibida na televisão, vi que esses botânicos insatisfeitos, ainda que levemente despeitados por não terem sido eles próprios os criadores da nova celebridade floral, descreveram a flor de Henk Van Dam com olho arguto e honesto. Mas quem nos prometeu que a tulipa negra seria mais negra do que uma tulipa negra? Se o amarelo-limão tivesse a mesma tonalidade do melão, ou então da laranja, não existiria o amarelo limão... Assim também, a tulipa negra deve possuir o negrume singular, mas genuíno, de uma tulipa, e não de outra flor qualquer; ela deve ser negra sem negar sua identidade, sem se desnaturar, sem se tornar o Frankenstein dos jardins. Além disso, essa tulipa negra é a primeira que se obtém após 25 anos de pacientes combinações. Podemos estar certos de que, mais breve do que se pensa, Van Dam e seus colegas de botânica aplicada nos surpreenderão ainda uma vez, agora com um exemplar totalmente purificado, a tulipa negra em si mesma, provavelmente irrepitível, e que provavelmente receberá o nome, menos científico do que poético, de tulipa negra negríssima. [A Gazeta, 15 de abril de 1986]



Foto: Arquivo da Secult



José Carlos Oliveira

FOTO

Alair Caliarí

caliari@imaginafoto.com.br



*Tertolino Balbino
- Mestre Terto - do
Ticumbi de Conceição
da Barra, contemplado
no Edital 020/2010 -
Prêmio "Mestre Armojo
do Folclore Capixaba"-
da Secretaria de Estado
da Cultura*